



## A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E VIDA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SALAS DE MUSCULAÇÃO EM JOÃO PESSOA-PB<sup>1</sup>

*The precarious work and life of physical education teachers in bodybuilding academies in João Pessoa-PB*

DINIZ, Matheus Brasileiro<sup>2</sup>

MELO, Marcelo Paula de Melo<sup>3</sup>

ALVES, Melina Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente estudo discutiu sobre a precarização do trabalho e vida dos professores de Educação Física que atuavam em salas de musculação nas academias de João Pessoa-PB. Desta forma, analisou a realidade das condições de trabalho a partir do estudo das situações de precarização comuns do modelo de produção capitalista em que vivemos. Participaram da pesquisa doze professores que trabalhavam em academias de diversas regiões da cidade supracitada. Como resultado, constatamos a existência de um cenário precário para efetivação das atividades do professor de Educação Física nas salas de musculação e indicamos ao final a necessidade de uma reconstrução coletiva da consciência sobre a luta de classes pois é necessário criar as condições subjetivas para a superação dos entraves que limitam a possibilidade de superação da alienação.

**Palavras-chave:** Educação física. Academias de musculação. Precarização do trabalho.

### ABSTRACT

The present study discussed the precariousness of work and life of Physical Education teachers working in weight rooms in gyms in João Pessoa, PB. Thus, it analyzed the reality of working conditions based on the study of common precarious situations within the capitalist production model in which we live. Twelve teachers working in gyms across different regions of the aforementioned city participated in the research. As a result, we found the existence of a precarious scenario for the performance of Physical Education teachers in weight rooms and, in the end, we highlighted the need for a collective reconstruction of class consciousness, as it is necessary to create the subjective conditions to overcome the obstacles that limit the possibility of transcending alienation.

**Keywords:** Physical education. Bodybuild gyms. Precariousness of work.

<sup>1</sup> Fruto de pesquisa de trabalho conclusão de curso de graduação em Educação Física na Universidade Federal da Paraíba. (i) Não foi apresentado ou publicado anteriormente em encontros e/ou outros eventos científicos; (ii) passou pela avaliação de Comitê de Ética em Pesquisa (COEP): protocolo UFPB 6.721.873. Não recebeu financiamento.

<sup>2</sup> Graduação em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba (2020).

<sup>3</sup> Professora Adjunta - Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Educação (UFBA/2015). Mestre em Educação (UFS/2010). Líder do Grupo de pesquisa LEPELPB (DEF/CCS/UFPB). Compõe o corpo de pesquisadores do grupo EFEMARX (UFBA)

<sup>4</sup> Doutor em Serviço Social pela UFRJ (2011), mestre em Educação pela UFF (2004) e graduado em Educação Física pela UFRJ (2001). Leciona na Escola de Educação Física e Desportos e no Programa de Pós-graduação em Educação na UFRJ.

## INTRODUÇÃO

A categoria trabalho emerge como ponto de partida para aprofundarmos o debate sobre o processo de precarização e da intensificação da exploração do ser humano nesta pesquisa. De Atividade fundante do ser humano, necessidade inseparável da existência humana, o trabalho torna-se alienado, e esta contradição é inseparável nas sociedades marcadas pela exploração e pela extração do *sobretrabalho* (Marx, 2013).

Adentramos no universo *fitness*<sup>5</sup> para explicar especificamente como a força de trabalho na musculação é objeto de exploração, e, portanto, é precarizada. Isto ocorre porque as academias precisaram, além de transformar a Cultura Corporal<sup>6</sup> em mercadoria, acompanhar um modelo de acumulação flexível capaz de realizar inúmeras modificações nas formas de investimento e gestão. Quelhas (2012) afirma que o crescimento do segmento *fitness* também foi atravessado por transformações econômicas e produtivas objetivadas no sistema capitalista em escala mundial.

Portanto, entendendo o trabalho do professor de Educação Física (EF) como parte do ciclo de realização do lucro capitalista, problematizamos: sob quais condições de trabalho está submetido o professor de EF para desenvolvimento da sua função na sala de musculação?

Desta forma, o objetivo geral deste estudo foi analisar as condições de trabalho dos professores de EF nas salas de musculação de academias de João Pessoa-PB. Os objetivos específicos se concentraram em relacionar a precarização do trabalho em geral ao trabalho na EF e identificar características do modelo de acumulação flexível; compreender a dinâmica de trabalho do professor bacharel diante das necessidades da academia e do sistema capitalista para gerar mais-valia; analisar os elementos que precarizam a jornada de trabalho do professor de EF e os direitos trabalhistas, expondo este último como resultado obtido da análise da realidade a partir das categorias *condições de trabalho; alienação; valorização x trabalho x lazer*.

Isto posto, organizamos a seguinte lógica de exposição do estudo: partimos de uma introdução que apresenta os elementos basilares do estudo e explicamos na sequência o percurso metodológico utilizado pela pesquisa. Após, debatemos a relação entre trabalhador, capital e mais-valia para podermos adentrar na exposição da análise dos dados obtidos na pesquisa de campo. Por fim, apresentamos nossas conclusões articuladas a uma reflexão que alça possibilidades de resistência perante a dura realidade da precarização do trabalho dos professores de EF nas salas de musculação.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo, apresenta uma síntese de pesquisa realizada em um trabalho de conclusão do curso de bacharelado em EF e foi desenvolvido a partir de base teórica materialista histórico-dialética, buscando assim “captar o conjunto de nexos e relações dos diferentes elementos que constituem a totalidade de um objeto ou fenômeno” (Martins e Lavoura, 2018, p.227).

<sup>5</sup> O segmento *fitness* no Brasil é associado a prática de exercícios e ao bem-estar físico.

<sup>6</sup> “A “cultura corporal” é uma parte da cultura do homem. É configurada por um acervo de conhecimento, socialmente construído e historicamente determinado, a partir de atividades que materializam as relações múltiplas entre experiências ideológicas, políticas, filosóficas e sociais e os sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonistas, competitivos ou outros, relacionados à realidade, às necessidades e as motivações do homem.” (Escobar, 2001, p. 168)

Optamos por realizar o debate categorial buscando na literatura clássica o estudo acerca do trabalho e da precarização, principalmente em Marx (2004, 2013). Utilizamos também publicações científicas relevantes para a análise do objeto a partir da referência marxista como as realizadas por Antunes (2018, 2020), Fontes (2017) e outras publicações específicas na área da EF que fazem a mediação entre o geral, o singular e o particular<sup>7</sup>.

Para o levantamento de dados da realidade foi aplicado um questionário aos participantes da pesquisa, - professores de EF que trabalhavam em salas de musculação de academias na região de João Pessoa – PB. Para coletar os dados da pesquisa, enviamos o modelo de questionário online para cada um dos professores através de contato pelo aplicativo *Whatsapp* ou mensagem direta no aplicativo *Instagram*, facilitando o diálogo e a possibilidade de resposta colhida.

No questionário, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que o sujeito pudesse concordar ou não e pudesse participar da pesquisa obedecendo aos critérios de inclusão/exclusão. Foram analisados um total de 12 questionários. A intenção inicial era a de aplicar os questionários com professores de academias de diferentes regiões da cidade para avaliar o impacto da precarização em bairros com maior e menor projeção social. entretanto, optamos por unificar a análise ao recebermos um número muito inferior de respostas ao número de questionários enviados. Avaliamos que mesmo protegidos pelo termo de consentimento (TCLE) os professores optaram por não expor suas condições de trabalho. Não obstante, os dados levantados permitiram a realização de generalizações importantes e apresentaram coerência com o estudo da literatura mais geral no campo da precarização do trabalho.

A discussão dos dados foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo e mediada por de três categorias: condições de trabalho; alienação; valorização x trabalho x lazer.

### CAPITAL, A MAIS VALIA E A SUA RELAÇÃO COM O TRABALHADOR

Trabalhadores são aqueles que vendem a sua força de trabalho para que o capitalista, dono dos meios de produção, consiga produzir e lucrar, ou seja, a burguesia só existe pelo desenvolvimento do proletariado “os quais só vivem enquanto encontram trabalho e só encontram trabalho enquanto o seu trabalho aumenta o capital.” (Marx e Engels, 2018, p.52)

O trabalho que conhecemos a partir do modo de produção capitalista não é mais próprio do sujeito que deseja suprir as suas necessidades apenas. Com a apropriação privada dos meios de produção, o produto do trabalho produzido por quem vende sua força de trabalho passa a ter dono e não é o trabalhador e sim o capitalista. “Na máquina do mundo neoliberal, os modos de subjetivação e, de modo mais amplo, os modos de existência e as formas de vida só têm sentido quando movimentam os fluxos comerciais.” (Ferreira & Castro, 2022, p.56). Desta forma, ao trabalhador, só resta vender a sua força de trabalho para então poder suprir as suas necessidades.

O valor da força de trabalho é determinado pelo tempo que é necessário para produzir as mercadorias imediatamente necessárias à produção e reprodução de trabalhadores e trabalhadoras (Marx, 2013). Afinal, trabalhadores e trabalhadores precisam ter sua existência minimamente garantida, ou seja, para manter-se produzindo o trabalhador necessita de meios de subsistência. O que vale a sua força de trabalho na forma de salário é, desta forma, o quanto vale para ele sobreviver. Explica Marx (2013, p. 317):

<sup>7</sup> “Singularidade (o indivíduo) e a universalidade (o gênero humano), a qual se concretiza através das múltiplas mediações determinadas pelas relações sociais específicas do contexto (a particularidade) em que esse indivíduo está inserido.” (Oliveira, 2005, p.20)

Assim, o tempo de trabalho necessário à produção da força de trabalho corresponde ao tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência, ou, dito de outro modo, o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor.

Neste salário está incorporado o custo para a sobrevivência do trabalhador quando observadas as suas necessidades físicas e sociais. Além disso, entra no cálculo o custo de qualificação técnica, considerando o tempo de formação para desenvolvimento da sua força de trabalho, ou seja, quanto maior o tempo despendido para a qualificação, maior é o valor gasto para reprodução da força de trabalho.

A definição do valor dessa força de trabalho é peculiar para cada local, ajustada para as necessidades naturais e se expandindo para necessidades culturais, pelas quais foram dadas as condições históricas em que a classe trabalhadora foi formada em uma região (Marx, 2013). Disto, é possível captar que “como valor, a força de trabalho representa apenas uma quantidade determinada do trabalho social médio nela objetivado” (Marx, 2013, p.316).

O trabalhador precisa, portanto, estar em condições normais de vida para cumprir com a sua função produtiva tal como o fez no dia anterior e precisa estar no dia posterior. Quando reduzido o preço da força de trabalho para abaixo desse mínimo, constitui-se então um *desenvolvimento precarizado dessa força* (Marx, 2013).

Contudo, é do trabalho excedente que se extrai a mais-valia. Uma vez que os meios de subsistência do trabalhador são pagos em uma parte da jornada de trabalho, o que denominamos de trabalho necessário. Para a produção de mais-valia o trabalhador precisa exceder aquilo que seria suficiente para a manutenção da sua vida, afinal ele foi contratado para cumprir uma jornada completa. O trabalho excedente é, portanto, o trabalho não pago, aquele que perdura além do tempo necessário para pagar o salário do trabalhador. (Silva, 2005)

Podemos inferir que a mais-valia advém da força de trabalho remanescente de todo o processo produtivo de mercadorias e, a “[...] mercadoria é, então, a forma que os produtos - resultantes do trabalho humano - assumem quando a produção é organizada por meio de troca”. (Cunha, 2014, p.56)

Para Marx, o excedente destas mercadorias produzidas pelo trabalhador determina o ganho do capitalista de modo que ao final ele consiga reproduzir esse mecanismo e acumular cada vez mais riqueza, ou seja, acumular o trabalho não pago ao trabalhador (Marx, 2013). Sobre isso, explica o autor:

Primeiramente, ele quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, isto é, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. Em segundo lugar, quer produzir uma mercadoria cujo valor seja maior do que a soma do valor das mercadorias requeridas para sua produção, os meios de produção e a força de trabalho, para cuja compra ele adiantou seu dinheiro no mercado. Ele quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria; não só valor de uso, mas valor, e não só valor, mas também mais-valor. (Marx, 2013, p.337-338)

O processo de trabalho excedente para gerar mais-valia precisa ser dominante sob o trabalho necessário para subsistência do trabalhador, pois é deste trabalho não pago que advém o lucro. O trabalho necessário é, desta forma, a quantidade de trabalho realizado pelo trabalhador suficiente para a sua reprodução, enquanto o trabalho excedente supera os limites do trabalho necessário e não constitui qualquer valor para si (Cunha, 2014).

Do processo de mais-valia consideramos duas formas. A primeira, a mais-valia absoluta, é determinada pelo prolongamento da jornada de trabalho, ou seja, a taxa de mais-valor obtido

depende da grandeza deste prolongamento. Esta forma é a base geral do sistema capitalista (Marx, 2013). A segunda forma, a mais-valia relativa, consiste no uso das inovações tecnológicas que ao mesmo tempo aumentam a produtividade e diminuem o tempo de trabalho para poder produzir uma mercadoria. Esse processo é resultante da substituição do capital variável (força de trabalho) por capital fixo ou constante (máquinas, processos automatizados, inteligência artificial). No fim das contas, essa substituição da força humana pela máquina ainda possibilita uma autovalorização do capital. (Bezerra, 2024).

O desenvolvimento da mais-valia relativa, no entanto, não exclui o incremento da mais valia absoluta, pelo contrário, elas se articulam. De acordo com Silva (2005, p.71): “O prolongamento da jornada de trabalho permanece como forma de valorização, de modo que ao longo da história e, inclusive, nos dias atuais, percebe-se a combinação das duas formas [...].”.

O terreno que o capitalismo ganhou atualmente é fruto de formas cada vez mais complexas de extração de mais-valia. Com o advento da era informacional-digital, nasceram também formas precárias de terceirização que resultaram numa maior intensificação e alienação do trabalho. Segundo Batista e Orso (2014, p.90):

O que vem crescendo cada vez na produção capitalista, é o trabalho por atividade executada, realizada, contribuindo para acumulação cada vez maior por parte do capital, pois este tipo de trabalho “exige” e estimula que os trabalhadores trabalhem em ritmo cada vez mais rápido para produzir mais.

Na atualidade, essa tendência assumida pelo avanço do trabalho terceirizado sob o pretexto da liberdade à luz das leis do mercado, sujeita o trabalhador a determinação da oferta e da procura, em que é reivindicado ou rejeitado, assim como um produto à venda. Sintetiza, Antunes (2018, p.36):

Dadas as profundas metamorfoses ocorridas no mundo produtivo do capitalismo contemporâneo, o conceito ampliado de classe trabalhadora, em sua nova morfologia, deve incorporar a totalidade dos trabalhadores e trabalhadoras, cada vez mais integrados pelas cadeias produtivas globais e que vendem sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário, sendo pagos por capital-dinheiro, não importando se as atividades que realizam sejam predominantemente materiais ou imateriais, mais ou menos regulamentadas.

Essa informalidade, além de não anular a mais-valia, tende a ser dissimulada. A lógica do chamado trabalho uberizado, como emblema de uma venda de força de trabalho nos moldes pré conquistas de legislações trabalhistas, previdenciárias e sociais, revela-se o cenário dos sonhos ao capital no século XXI. Sobre isso, afirma Fontes (2017, p. 48):

Evidentemente, o desemprego é a ameaça maior para a população privada das condições de existência. Ele continua sendo a expressão mais clara do despotismo do capital, maneira de disciplinar enormes massas de seres sociais, e deriva de dois processos principais: a permanência de expropriações, produzindo mais seres necessitados de vender força de trabalho em concorrência com os “empregados”, e a introdução de maquinaria e tecnologia, que dispensa força de trabalho.

Considerando o estágio avançado de exploração do trabalho alcançado pelo capitalismo para o aumento da extração de taxas de mais-valia, apresentamos a seguir a especificidade do impacto da precarização do trabalho para os professores de EF de salas de musculação.

## O TRABALHO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA OBJETIVADO NA DIMENSÃO ATUAL DE DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA

A dinâmica totalizante das relações sociais capitalistas implica no abarcamento de quase todas as relações sociais sob sua égide. Nas academias de musculação ou academias de formato híbrido - em que há uma diversificação de vivências corporais para serem comercializadas - não foi diferente. Temos hoje, principalmente por intermédio do desenvolvimento da indústria *fitness*, uma possibilidade colossal de aplicação de capital.

As academias de musculação desenvolveram-se e transformaram-se em potenciais atividades cuja finalidade estaria fundamentalmente no lucro. Um campo de realização de lucro em torno do chamado *fitness* cresceu a partir do processo de concentração de capital aliado a divulgação do fisiculturismo e outras modalidades e vivências corporais em diversos segmentos. As academias de formato híbrido vendem planos de diversos tipos, incluindo aulas coletivas de dança, lutas, treinamento funcional, *crossfit*, etc. A presença de modalidades variadas é fundamental para aumentar a produtividade e colocar a maior quantidade de alunos possível dentro da academia. A depender da academia os planos podem ter preços diferentes, adequando os valores ao fluxo de pessoas presentes na academia em que se paga mais barato para fazer atividades em horários pouco frequentados, pondo em prática a ideia de flexibilidade. O envolvimento de grandes grupos internacionais, associados a marcas locais ou a produtos globais como *Smart Fit*, também é uma realidade desse universo.

A presença de grandes empresas produtoras de equipamentos e materiais esportivos, incluindo a mundialização desse processo também incidiu nesse campo. É comum a presença de produtos que ajudam a vender o serviço *fitness*, como catracas eletrônicas, softwares para administrar os serviços, pisos apropriados para uso de equipamentos, assim como bebidas, suplementos, roupas, relógios, etc. Além disso, são comercializados também as mercadorias imateriais, isto é, as práticas corporais são transformadas em produtos para a venda (Quelhas, 2012).

Temos então, segundo Furtado (2009, p.5), três estágios característicos das mudanças ocorridas nas academias:

Um estágio inicial caracterizado pela afinidade com a área, como principal motivação para a implementação das academias. Por isso, a administração empírica, amadora ou do senso comum preponderava. Um segundo estágio, caracterizado pela mescla entre a afinidade com a área e a inserção das tecnologias da administração em busca de lucros, surgido, principalmente, a partir dos anos 80. E um terceiro estágio, onde as mais avançadas tecnologias dos instrumentos de produção e da gestão são encontradas nas academias. Há presença da micro-eletrônica nos instrumentos e das mais diversas teorias administrativas de gestão de recursos humanos, de marketing, financeira e contábil, configurando a racionalização nas academias. As academias caracterizadas neste terceiro estágio, as mais avançadas em seu desenvolvimento, denominadas de "academias híbridas".

Com a automatização das máquinas, substituindo algumas funções que antes eram necessárias ser feitas pelo professor, é exigido que agora ele preste um atendimento mais pessoal, interagindo e criando uma relação extrovertida de animação e amizade (Furtado, 2007).

Isso implica dizer que os trabalhadores, em especial os que estão nas salas de musculação, têm a sua atividade técnica e profissional restrita ao passo em que se aumenta a necessidade de conduzir atividades sociais e afetivas a fim de garantir a fidelização de frequentadores à academia (Quelhas, 2012).

A presença de aparelhos ressignifica a atuação do professor, pois não é mais necessária a sua presença direta para intervir nas atividades executadas pelos alunos e alunas. Agora, o seu papel é de esclarecimento de dúvidas e de curiosidades ao mesmo tempo em que mantêm uma relação de interatividade com os frequentadores. Isto porque as máquinas incorporam elementos que faziam parte da função do professor, como controle de frequência cardíaca, correção de posturas, orientações sobre amplitude de movimento, etc. (Quelhas, 2012).

Já antes da aprovação da Reforma Trabalhista em 2017, durante o governo golpista de Michel Temer (MDB), o campo da Educação Física experimentava formas de trabalho intermitente. A contratação por jornadas (e salários) parciais eram comuns em clubes e academias. Como explica Quelhas (2012, p.119):

[...] a flexibilização do tempo de trabalho permite alocar os profissionais de acordo com a demanda dos clientes das academias. Desta forma, por exemplo, é possível que se coloque mais profissionais na sala de musculação em horários de maior afluxo de clientes (início das manhãs, horário do almoço e início da noite), quando as academias são mais procuradas para a exercitação física. Inversamente, nos horários de menor frequência (meio das manhãs e das tardes), onde há menos clientes, a sala de musculação pode ser supervisionada por poucos profissionais, ou apenas por um destes, ampliando a produtividade do trabalho. Da mesma forma, as aulas específicas de *cycle indoor* e *running class*, e outras mais, também podem ser programadas de acordo com a procura e comodidade dos clientes, alocando os profissionais responsáveis somente para estes horários.

O trabalhador, desta forma, quando sujeito a modalidades de contrato que flexibilizam a sua atividade, está direta e imediatamente sujeito a saúde da dinâmica do lucro, que poderá sem maiores prejuízos destruir o seu posto de trabalho. Os mecanismos que permitem colocar a classe trabalhadora em tal condição, servem para de uma forma ou de outra causar instabilidade na sua jornada ao mesmo tempo que a intensifica, reduzir a sua remuneração e frear qualquer forma de reação diante de uma classe desestruturada.

Analisemos, portanto, que a luta pela regulamentação do trabalho, de acordo com Feliciano (2022, p.1372-1373):

Deve ser, quiçá mais ingentemente, a luta pela manutenção do valor da mínima contraprestação econômica do trabalho, em parâmetros absolutos, inclusive para as relações jurídico-laborais de zona gris (pense-se, e.g., na condição dos trabalhadores intermitentes [...], como ainda na dos trabalhadores “on demand”, por aplicativos digitais, ou mesmo na dos trabalhadores virtuais em “crowdworking”). Em todo caso, um caminho hermenêutico retilíneo, sem margem a subterfúgios jurídicos que atendam apenas ao interesse da produção.

Na perspectiva de entender como se dão tais mecanismos na prática, a seguir apresentamos como se materializaram as relações de precarização que incidiram no trabalho dentro das salas de musculação na cidade de João Pessoa-PB.

#### **A DESEFETIVAÇÃO DO TRABALHO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O FURTO DA ENERGIA FÍSICA E ESPIRITUAL**

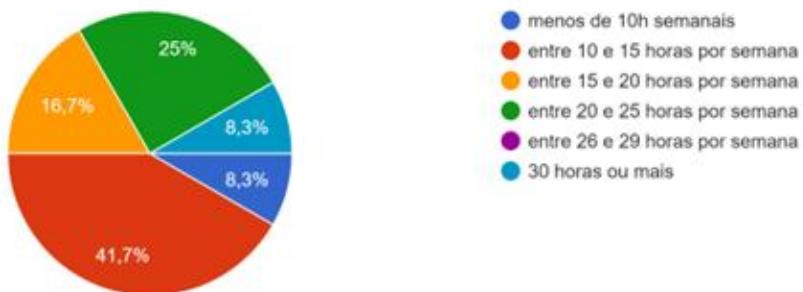
Nessa seção apresentamos as discussões acerca da investigação de campo acerca das condições de trabalho e vida dos professores nas academias de ginástica e musculação de João Pessoa-PB. Com o objetivo de facilitar a análise da realidade e a leitura do texto, separamos a nossa discussão em categorias. As categorias utilizadas foram: condições de trabalho; alienação; valorização x trabalho x lazer.

Condições de trabalho: Esta primeira categoria nos permitiu identificar alguns elementos que dentro do ambiente de trabalho poderiam ou não estar sob condições de fragilidade para o seu

exercício, bem como as suas repercussões que caracterizaram a precariedade tanto no ambiente de trabalho quanto para a sua vida como um todo.

Uma primeira questão que analisamos diz respeito ao tipo de regime trabalhista pelo qual o professor estava vinculado na academia. A maior parte dos professores estava contratado por regime em jornada parcial e trabalhava no máximo até 15 horas por semana, como mostra o gráfico abaixo:

**Figura 1- Total de horas trabalhadas por semana**



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Vale destacar outra questão em que perguntamos sobre qual regime o trabalhador estava vinculado. Obtivemos duas respostas (25%) que incluem o Microempreendedor Individual (MEI) como meio de contrato e uma resposta (8,3%) que declarou que a forma de seu contrato foi realizada “boca a boca”.

Tais dados nos remetem ao debate realizado sobre o modelo de flexibilização da jornada de trabalho. Com essa possibilidade as academias podem formalizar contratos que sejam compatíveis com as suas necessidades, de acordo com o horário que pretendem e que ainda assim consigam dar conta do seu negócio sem prejuízo à logística de funcionamento.

O que para muitos pode ser sinônimo de autonomia para gerir a própria vida de forma mais produtiva, acompanhando o discurso falacioso da classe empregadora, entretanto, tal modelo de contrato é a condição real de produzir mais-valia para o patrão. Batista (2009, p.164), explica:

[...] é necessário considerar que a denominada autonomia do trabalhador nesse processo é extremamente relativa, pois, a sua participação e engajamento são estimulados apenas em torno dos interesses da empresa. Portanto, sua participação é estimulada, manipulada e controlada. O capital através dos Círculos de Controle de Qualidade absorve e incorpora apenas as sugestões que forem do interesse da empresa. Que autonomia fantasiosa é essa que impõe ao trabalho a jornada, o salário, o que e como fazer?

Por outro lado, isso também pode causar um sentimento de frustração para o professor, que é exigido a realizar multifunções não necessariamente técnicas, mas que são destinadas cada vez mais à conquista do “cliente”. Para se adaptar a essas funções, o professor precisa ser criativo, flexível, organizado, comunicativo e integrado aquilo que a academia precisa para ter mais alunos, e não necessariamente à qualificação com conhecimentos vinculados ao que deveria ser do seu ofício.

Em relação à formação continuada como expressão de algo inseparável à profissão docente, questionamos se os professores participantes da pesquisa cursaram pós-graduação na área e 90% deles responderam que não. O reflexo dessa não necessidade de aperfeiçoamento do

trabalhador, considerando a simplificação do trabalho do professor na realização de funções cada vez mais monótonas, provavelmente incide no baixo investimento no fator qualificação pelas empresas. A formação continuada torna-se secundária para venda do produto que diz respeito somente ao “tempo na sala de musculação atendido por alguém”, e, ao mesmo tempo, correndo risco de ser preciso pagar mais a trabalhadores e trabalhadoras que investiram em sua formação, as contratantes não colocam como exigência e/ou diferencial para contratação no que diz respeito a formação.

Observamos que 70% dos entrevistados relataram não haver um treinamento para desenvolvimento do trabalho dentro da sala de musculação e 60% também não recebeu qualquer curso relacionado a área por parte da empresa. Até mesmo porque, gastos com a formação realizados pelo empregador impactam na redução da mais-valia. Diante disto, a atual divisão do trabalho, segundo Vasapollo (2005, p.383):

[...] cria uma nova composição dos mesmos trabalhadores, distinguidos entre especializados e com maior nível de conhecimento (que ocupam postos de trabalho com alta atividade cognitiva), trabalhadores especializados em atividades técnicas (que ocupam postos de trabalho flexível do tipo executivo) e trabalhadores com pouca especialização, que ocupam os postos de trabalho mais degradantes e servis.

A incorporação de ciência e tecnologia no cotidiano de trabalho nas acadêmicas de musculação e ginástica exigiu dos professores estarem aptos para lidarem com essas máquinas para que não haja qualquer interrupção no funcionamento da academia. Possivelmente por conta disso, 83,3% dos professores disseram ter na academia recursos suficientes para execução de um bom trabalho.

Evidentemente que essa inclusão cada vez maior das máquinas incide na diminuição do número de trabalhadores. A depender do nível de capital empreendido elas podem ser mais sofisticadas ou não, mas são elementos indispensáveis para que o modelo de gestão empresarial nas academias possa ser bem aplicado. A consequência disto é a exposição dos que conseguem sustentar os seus postos de trabalho tanto à exploração para realizar as suas funções técnicas quanto para gerir os equipamentos incorporados.

Nos itens analisados até aqui, observamos duas faces centrais sobre as condições de trabalho e que são contraditórias em essência: a face moderna, que dá condições materiais e organiza o trabalho de forma produtiva, inclusive por intermédio do desenvolvimento científico e tecnológico para a satisfação do cliente; a face arcaica, que está presente neste mesmo trabalho, no entanto, escasso de condições humanas e adequadas para o trabalhador. O sociólogo Florestan Fernandes (1981) denominou este movimento como a “arcaicização do moderno” e a “modernização do arcaico”.

O que importa no conjunto não é a existência do arcaico e do moderno, seu grau de visibilidade e os mundos superpostos que evidenciam. Mas o modo pelo qual as transformações sucessivas do mercado e do sistema de produção encadeiam a persistência de estruturas socioeconômicas herdadas do passado com a formação de estruturas socioeconômicas novas. (Fernandes, 1981, p. 62).

Tal articulação é comum quando falamos nas formas mais desenvolvidas que o capitalismo tratou de elaborar para produzir e reproduzir o seu modo de funcionamento. Não se trata da oposição entre aquilo que é atrasado perante o desenvolvido, mas como a relação entre um e outro é dialética na medida em que ambos cumprem para a expansão do capital de forma global.

Isso é real em tal grau que, na especificidade de nossa pesquisa, não foram os itens relacionados ao exercício profissional propriamente dito na sala de musculação que foram os

mais reivindicados como aqueles necessários para melhor execução das atividades do professor, como vemos abaixo, é a busca de valorização humana (75%) e do salário digno (83,3%) que surgem as maiores contestações quando as faces que comentamos são expostas

**Figura 2- Aspectos para melhoria do trabalho**



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Desta forma, não é por aspiração ou sonho pessoal (8,3%), ou mesmo para ganhar dinheiro (8,3%) que a maior parte dos professores está trabalhando na sala de musculação da academia. Quando questionados por quais motivos eles estavam ali, a maioria (58,3%) respondeu que seria para ser visto e para conquistar alunos individuais como *Personal Trainer*.

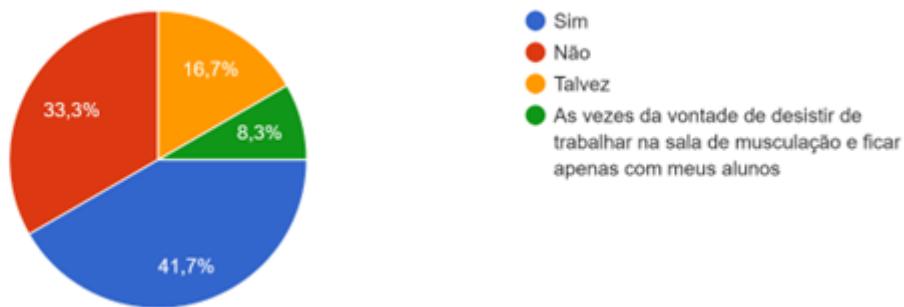
Em que pese a maioria dos trabalhadores passarem poucas horas por dia na academia, 50% deles relatou sobrecarga nas suas funções. Esse fato pode ser explicado pela quantidade de tarefas a que estão submetidos, pois além de realizar aquelas inerentes as de sua alçada, precisam desempenhar outras e muitas vezes ao mesmo tempo. Apresentar a academia e recepcionar os alunos foram as que se destacaram em relação às atividades mais comuns que são elaborar e orientar sobre treinos e organizar a academia. Essas atividades de apresentação e recepção do aluno, são entre tantas outras, voltadas para a conquista do cliente, como mostra Furtado (2007, p.145):

Sendo a organização da produção na academia um espaço de sedução, o primeiro movimento explicado, que consiste na recepção ao cliente em potencial, é um movimento de atração para a venda. Mas, nesse mesmo movimento, já se encontra a preparação para o movimento seguinte, pois nele se procura observar as características do aluno, suas fraquezas, desejos, carências e o que ele busca, para preparar a melhor abordagem para a conquista durante o processo de produção, preparando para novas vendas.

Desta forma, a sobrecarga de trabalho na sala de musculação, somada a outras atividades que o trabalhador realiza ao longo do dia, pode sistematicamente levá-lo à exaustão ou até a síndrome de burnout.<sup>8</sup> Quando perguntados se já tiveram a saúde mental afetada por conta do trabalho, os professores responderam:

<sup>8</sup> O termo “burnout” em inglês é uma combinação das palavras “burn” (queimar) e “out” (fora, exterior). Sua tradução literal seria algo como “queimar até o fim” ou “consumir-se internamente”. Esse conceito representa uma espécie de “esgotamento completo”, começando com aspectos psicológicos e resultando em problemas físicos, que podem afetar o desempenho geral de uma pessoa.

**Figura 3- Trabalho x saúde mental do professor**



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

O que pode colaborar com isso, além da sobrecarga de trabalho é a falta de uma pausa na jornada para repousar. 75% dos professores relataram não ter intervalo durante o seu horário de trabalho e aqueles que tem algum momento de repouso, afirmam não ser suficiente (66,7%). Além disso, 83% dos participantes disseram não ter um espaço específico destinado para que esse descanso ocorresse. Algumas repostas tornam o cenário ainda mais preocupante:

Professor 3: Não, tem um local pra lanchar, mas nem cadeira tem!

Professor 6: Não tem, ficamos em um corredor com um banco quando tem, se não tem pegamos rolos de papel pra sentar pois o local também fica perto da área de serviço da academia.

Professor 8: Ter tem, porém não é utilizado, é a sala de avaliação. Um espaço pequeno, uma mesa, dois bancos, um armário e um ventilador quebrado.

Professor 10: Não tem. O que sempre achei RIDÍCULO. E não falo isso por mim, porque eu não passo muitas horas, mas digo por professores e estagiários que trabalharam 6 horas corridas, e não possuem um espaço para descansar 10 minutos ou fazer uma refeição em paz.

Professor 12: Não. Apenas uma copa muito pequena com higiene precária, constantemente aparecem baratas/insetos no local

Como vimos, o conjunto de elementos aqui discutidos nos indica que as condições de trabalho pelas quais o professor está submetido são em sua maioria precárias. Fernandes, Fernandes e Paiva (2024) apresentam dados da intensificação da exploração do trabalho na atual fase do capital como o outro lado da moeda das doenças ocupacionais. Desde os meios utilizados para a contratação do trabalhador até os recursos empregados ou não para o desempenhar da sua função, deixam claro as várias desconformidades que implicam num cenário debilitado para atuação do trabalhador como professor da sala de musculação.

Para apresentação da segunda categoria de análise, a alienação, partimos do pressuposto de que na atualidade um dos pilares para a manutenção do projeto capitalista é a proposição de novos e articulados sistemas de gestão empresarial. Para isto, é necessário criar um modelo que opere dentre tantos fatores: no engajamento voluntário do trabalhador; no autocontrole de faltas, inclusive entre os próprios membros das equipes de trabalho; na diminuição do tempo de repouso e na competição dos trabalhadores. (Antunes, 2018).

Permanecem atuais as características do trabalho alienado levantadas por Marx (2004): O ser humano é alienado do processo de trabalho, do produto do trabalho; do gênero humano e de outros homens e de si mesmo.

A valorização de um suposto empreendedorismo dos trabalhadores em academias é recorrente. Vender a si mesmo como substrato de uma maior possibilidade de captação de alunos (muitas vezes chamados de clientes) para atendimento personalizado, o que garantiria maiores ganhos do que as aulas coletivas nos chamados salões de ginástica e/ou musculação. Como indica Virginia Fontes (2017, p. 49):

Permanentemente são postos em prática procedimentos empresariais e/ ou políticos para bloquear a emergência das tensões geradas por essas contradições. (...). Também o estímulo ao empreendedorismo, como apagamento jurídico fictício da relação real de subordinação do trabalho ao capital, que se apresenta como igualdade entre... capitalistas, sendo um deles mero “proprietário” de sua própria força de trabalho.

Desta forma, fica claro que o controle do trabalho é um requisito chave para que o capitalismo se desenvolva em suas formas mais avançadas. Ora, se o controle do trabalho é condição para o desenvolvimento pleno do capital, não é interesse do empregador fornecer possibilidades de libertação de sua dominância. A alienação do homem pelo próprio homem, na prática, é então revelada ao mesmo tempo em que se criam condições para que o assédio possa ser utilizado como uma estratégia de gestão. Para Antunes, (2018, p. 166):

Espaços de trabalho propulsores de altos índices de desempenho e produtividade, estruturados com base em exigências que cada vez mais extrapolam as capacidades física e mental humanas, não conseguem se manter senão por meio de diferentes e sofisticados mecanismos de controle e coerção. O assédio moral é parte dessa engrenagem.

Sobre isso, analisemos os dados da realidade: apesar de a maioria (91,7%) dos professores ter respondido que entendia a lógica de funcionamento da academia em que trabalhava, exatamente a mesma porcentagem (91,7%) também respondeu que não eram disponibilizados a organização das despesas/receitas do mês/ano ou aquilo que era gasto com equipamentos e trabalhadores.

Além disso, 50% dos participantes disseram não integrar o planejamento das atividades geridas na academia, enquanto 33,3% responderam que participavam, 16,7% responderam talvez. Estes dados revelam um determinado grau de alienação do trabalho pois os professores acreditam que dominam o processo de trabalho, entretanto acessam apenas os dados aparentes observados no cotidiano, ficando alheios a maior parte dos elementos necessários para a compreensão da gestão empresarial, por exemplo. O professor, neste sentido, não consegue dominar aquilo que ele mesmo produz, não ultrapassa sequer a aparência da compreensão se sua própria atividade cotidiana.

Isso ocorre, porque o trabalho, doravante alienado, torna alienantes e alienadas as relações sociais erigidas sob este modo de produção. São estas relações sociais de produção que fundam uma sociedade em que a vida humana se torna alienada, é o que Kosik (2002) denominou como o “mundo da pseudoconcreticidade”:

A práxis de que se trata neste contexto é historicamente determinada e unilateral, é a práxis fragmentária dos indivíduos, baseada na divisão do trabalho, na divisão da sociedade em classes e na hierarquia de posições sociais que sobre ela se ergue. Nesta práxis se forma tanto o determinado ambiente material do indivíduo histórico, quanto a atmosfera espiritual em que a aparência superficial da realidade é fixada como o mundo da pretensa intimidade, da confiança e da familiaridade em que o homem se move “naturalmente” e com que tem de se avir na vida cotidiana. (Kosik, 2002, p. 14-15).

Na realidade encontrada, as razões que retratam esse afastamento do professor com o seu trabalho são resultado do conjunto de elementos que dizem respeito também à salário,

contratos precários, sobrecarga de funções, entre outras. Vejamos alguns dos motivos elencados pelos professores que indicam a alienação do e pelo trabalho e que fazem com que a maioria (83%) dos professores não pretenda mais trabalhar no domínio da sala de musculação:

Professor 1: [...] ocupa muito espaço na carga horária;

Professor 3: [...] muito estressante;

Professor 4: [...] não tem estabilidade;

Professor 6: [...] pretendo trabalhar com outras coisas e já estou vendo esse possibilidade, a academia é apenas uma fase pra começar em uma melhor mas à frente;

Professor 8: [...] por não ter um plano de carreira, onde não consigo crescer e evoluir dentro da empresa;

Professor 9: [...] muito desgastante;

Professor 10: [...] não pretendo ficar por muito tempo;

Professor 11: [...] essa experiência em sala de musculação será momentânea até encontrar outra maneira de ser melhor remunerado;

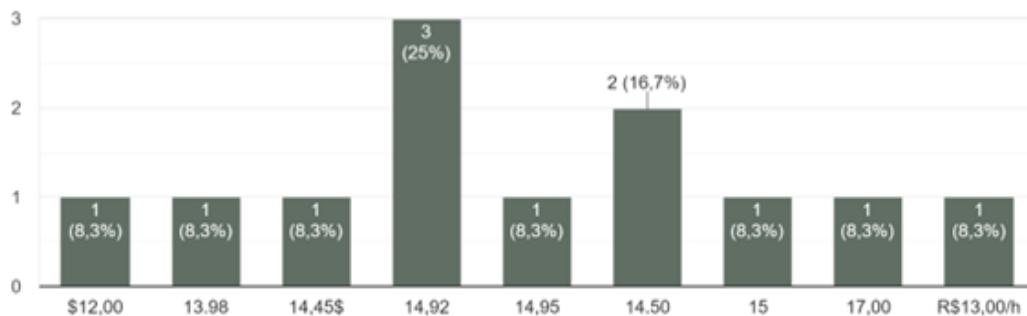
Professor 12: [...] Desvalorização do professor de dentro da academia é absurdo. Futuramente, apenas como Personal autônomo.

A alienação é, portanto, condição de estabilização do sistema capitalista para coagir os trabalhadores às suas normas, amedrontando-os pela taxa de desemprego e pela presença de mão de obra excedente. Isso faz com que o mercado possa convencionar um modelo fragilizado, com relações trabalhistas em que prevalecem as negociações entre as partes.

Apresentamos a seguir como o processo de alienação conjuntamente às condições de trabalho, repercutem na relação de valorização do trabalhador para produzir a sua vida perante as condições impostas pelo sistema capitalista, adentrando na apresentação de nossa terceira categoria de análise, composta pela relação entre valorização x trabalho x lazer.

Primeiro analisemos sob o ponto de vista salarial do trabalhador de EF na cidade de João Pessoa-PB: As decisões sobre os reajustes de valores ficam por conta de convenções coletivas de trabalho mediadas pelo Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino Privado da Paraíba (SINTEENP-PB) e com o Sindicato das Academias e Demais Empresas de Prática Esportiva da Paraíba (SADEPE-PB). Em setembro de 2023, em uma dessas convenções, ficou estabelecido o piso da hora aula em R\$15,55 a ser pago a partir de outubro do mesmo ano, um aumento de 4,25% sobre o valor anterior que era de R\$ 14,92. (SINTEENPPB, 2023). Contudo, obtivemos os seguintes valores declarados no valor pago por hora/aula dos professores pesquisados:

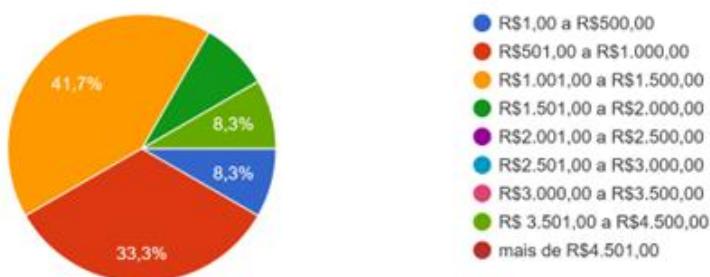
**Figura 4- Remuneração hora/aula**



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Para os professores que cumprem jornada de 40h, o menor salário estabelecido pela convenção coletiva de trabalho na Paraíba é de R\$3.265,50. No entanto, já que a maior parte dos professores está contratada em regime de jornada em tempo parcial, o acumulado do que eles recebem está longe desse valor proposto, como destacamos na figura a seguir:

**Figura 5- Remuneração mensal do professor**



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Considerando o que discutimos sobre o salário do trabalhador ser definido pela venda da sua força de trabalho e que, portanto, esse salário precisa ser o suficiente para que ele possa adquirir os meios de sua subsistência, buscamos saber se os professores tem as suas necessidades atendidas quando considerado o trabalho dentro da sala de musculação: 91,7% dos professores afirma que somente com o seu salário dentro da academia não consegue cobrir as despesas mensais; 91,7% também respondeu que não vive bem somente trabalhando na sala de musculação ou não viveria bem caso não houvesse outra fonte de renda; 41,7% diz que as necessidades básicas não são atendidas, considerando o que há de mais imediato para a sua produção diária, como comida, vestimenta, habitação, etc.

Dante das respostas fica nítida a existência de um cenário precário para atender as demandas da vida do professor, considerando apenas o que ele recebe na academia. Caso não houvesse outra fonte de renda para produzir a sua existência, como 100% dos trabalhadores relatou ter, o professor de Educação Física na sala de musculação não teria qualquer segurança mínima para reproduzir sua própria vida.

Assim, o trabalho, responsável pela humanização do homem, passa a pervertê-lo, muitas vezes não provém nem as necessidades de primeira ordem: o homem trabalha, mas come mal, não tem o que vestir, não tem condições mínimas de moradia. Quanto mais o trabalhador produz, tanto menos ele tem a possuir.

O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento de valor do mundo das coisas. O trabalho não cria apenas bens; ele também produz a si mesmo e o trabalhado como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens. (Marx, 2004, p.79).

E ainda 91,7% dos professores relatou não ter qualquer política de valorização salarial ou plano de cargos/carreiras na sua academia, ou seja, se o trabalhador dependesse de valorização do trabalho realizada pela empresa, certamente ele iria encontrar dificuldades em estabelecer a sua existência.

Dessa situação podemos deduzir que: a contratação em jornada parcial é a condição regulamentada para a diminuição do número de empregados que, em última instância, é capaz de reduzir os meios de subsistência do trabalhador ao mínimo, já que seu salário será proporcional ao tempo de trabalho realizado. Se o número de empregados trabalhando diminui, o capitalista precisa viabilizar os meios necessários para continuar conseguindo gerar mais-valia. Isso é possível aumentando a exploração do trabalho (capital variável)<sup>9</sup> mesmo em jornada reduzida ocasionada pelo incremento da tecnologia, ou seja, pela ampliação do capital constante. O resultado dessa jornada reduzida é inevitavelmente a diminuição do trabalho necessário para a subsistência do professor, enquanto ele continua a produzir cada vez mais.

Isso porque, uma vez que o professor tem a sua jornada diminuída e como consequência o seu salário reduzido, ele precisará despender mais tempo de vida para conseguir produzir a sua existência de outras formas. A maior possibilidade para que isso se materialize na vida do professor de sala de musculação é trabalhando como *personal trainer*, se colocando à disposição do novo mercado “uberizado”<sup>10</sup>.

Como síntese disso, captamos na realidade que muitos dos que trabalham na sala de musculação reconhecem que não ganham o suficiente pelo que trabalham (91,7%) e como consequência dessa desvalorização precisam atuar como *personal trainer*. Ainda que nesta forma pseudoconcreta o professor se considere como empreendedor do seu próprio negócio aparentemente controlado.

O professor, desta forma, quando se dispõe a trabalhar como *Personal Trainer*, fica desprotegido de qualquer legislação protetora do trabalho e se expõe a concorrência por quem pague por seus serviços individualizados de treinador pessoal. O exército de reserva também é importante mediação para minar a organização dos trabalhadores que são obrigados a aceitar salários mais baixos para sobreviver.

Revela-se, mais uma vez, o trabalho como miséria, como infelicidade. O professor de musculação não tem condições de usufruir de atividades de lazer que gostaria (83,3%) e para tentar produzir alguma forma de vida que faça sentido quando não está trabalhando, contraditoriamente ele precisa trabalhar mais. Assim:

---

<sup>9</sup> É do capital variável que o capitalista extrai a mais-valia. “A parte do capital convertida em força de trabalho, ao contrário muda de valor no processo de produção. Reproduz o próprio equivalente, além disso, proporciona um excedente, a mais-valia, que pode variar ser maior ou menor.” (MARX, 2013, p.244).

<sup>10</sup> “A uberização é um processo no qual as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e invisibilizadas, assumindo, assim, a aparência de “prestação de serviços” e obliterando as relações de assalariamento e de exploração do trabalho.” (Antunes, 2020, p. 11). O termo surge em alusão a essas relações praticadas dentro da empresa Uber, mas que se expandiram para diversos outros segmentos.

O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si quando fora do trabalho e fora de si quando no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. (Marx, 2004, p. 83).

Aumenta-se, portanto, o número de professores que se levantam antes do sol nascer e deslocam-se de uma academia à outra arriscando as suas vidas, em geral sob duas rodas, para não se atrasarem e perderem os seus compradores. Esses professores andam etiquetados com nome e telefone nas suas camisas, assim como um produto qualquer numa prateleira, prontos para serem negociados conforme as leis do mercado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a realidade das condições de trabalho nas salas de musculação das academias de João Pessoa-PB. Considerando a atual conjuntura, demonstramos a objetivação da precarização do trabalho do professor de EF nas salas de musculação, não só pela materialidade dos dados da realidade trazidos a tona e debatidos neste estudo, mas também pelo fator histórico que permite que a precarização seja a condição necessária para expansão do sistema capitalista e para resolução, ainda que temporária, das suas crises estruturais.

No entanto, de forma contraditória, é pela incorporação dessas novas tecnologias que o trabalho vivo vai sendo substituído por trabalho morto em muitos campos. Ainda assim, mesmo com a série de funções que ele necessita realizar, o professor se vê obrigado a vender a sua força de trabalho à salários baixíssimos e sob ameaça do imenso exército de reserva, pronto para assumir o seu posto.

Isso indica que, o professor que produz o seu trabalho na sala de musculação está alienado. Primeiro porque ele é explorado nas suas funções e o seu trabalho é sacrificante no ato de sua produção; segundo porque se trata de um trabalho que o degrada na essência do ser humano, ou como ser genérico, servindo apenas como meio para sua sobrevivência; terceiro porque seu trabalho pertence a outro homem e não a si, sendo que os dois estão alienados da essência humana.

Apresentamos ainda como o trabalho *uberizado*, se tornou atualmente uma saída adotada pela classe trabalhadora para poder completar a sua renda de alguma forma e até mesmo para ser a renda principal. A efetivação dessa e de outras formas de trabalho oriundas da *uberização* traz consigo uma série de questões que devem ser debatidas, já que expõe cada vez mais as pessoas a condições precárias de salário, de direitos e de execução da própria atividade.

Desse modo, constatamos que a submissão compulsória a formas de trabalho pautadas no mercado flexível, que para nós se objetiva tanto na forma de *Personal Trainer* como por meio da inclusão dos aplicativos no trabalho do professor, na prática incide na falta de condições objetivas para que os professores possam desfrutar de uma forma de lazer como gostariam, já que o acúmulo de tarefas e a falta de direitos trabalhistas não poderiam viabilizar o proveito pleno de sua vida fora do trabalho.

O impacto dessa força social que o capital produz, que impõe retrocessos e destitui os direitos duramente conquistados pelos trabalhadores, é inevitavelmente o enfraquecimento das possibilidades de unidade dessa classe. Trata-se, portanto, de um momento para reconstrução coletiva da consciência sobre a luta de classes pois é necessário criar as condições subjetivas para a superação dos entraves que limitam a possibilidade de superação da alienação.

Com esse fim, consideramos que sejam necessários: 1) a dissolução do sistema CONFE/CREF<sup>11</sup>, pois é comprovada a ineficácia dessas instituições para propor respostas contundentes que signifiquem a valorização do professor de EF ; 2) a reorganização de um sindicato forte para unir os interesses dos professores e as pautas mais importantes que dizem respeito a salário e direitos trabalhistas; 3) a luta por um piso salarial nacional compatível para todos os professores de EF que trabalham em academia, sendo na sala de musculação ou não; 4) uma regulamentação trabalhista que não esteja ligada aos interesses de grupos burgueses -proprietários de academia – e que garanta aos *Personais Trainers* direitos e salário digno; 5) uma reforma curricular ampliada para formar professores de EF numa concepção crítica, que esteja ligada aos interesses da classe trabalhadora e que exponha a realidade do mundo do trabalho no sistema capitalista, para além da pseudoconcreticidade.

Indicamos como necessário ainda a ampliação de estudos que debatam sobre o trabalho, seja na academia ou fora dela. A precarização certamente poderá ser tema para muitas outras pesquisas que envolvam a área da EF, o que faz com que a sua discussão nos dê condições de enfrentamento para avançarmos cada vez mais em direção à um projeto de sociedade pautado nos interesses da classe trabalhadora.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, R. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.** 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2020.
- BATISTA, A. S.. A participação dos trabalhadores nos círculos de controle de qualidade (CCQ): autonomia ou controle. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 157–170, 2009.
- BATISTA, E. L.; ORSO, P. J. – **Intensificação do Trabalho, Alienação e Emancipação Humana.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 59, p.85-112, out.2014.
- BEZERRA, A. C. **Tecnologia e trabalho precarizado: crítica da economia política do capitalismo digital.** O Social em Questão, n. 58, p. 37-56, 2024.
- CUNHA, F. J. P. **Trabalho docente precarizado nas IFES:** o caso da pós-graduação em Educação Física no nordeste do Brasil. 2014, 137 p. Tese de doutorado (Doutorado em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador).
- ESCOBAR, M. O. **Coletivo de autores:** a cultura corporal em questão. Transcrição: LORENZINI, Ana Rita. Auditório do CESEFE-ESEF-UPE, Recife, p. 160-175, 7 mai. 2001.
- FELICIANO, G. G. **O contrato de trabalho a tempo parcial:** linhas críticas sobre o caso brasileiro. Revista Jurídica Luso-Brasileira, v. 8, n. 4, p. 1355-1374, 2022. Disponível em:  
[https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2022/4/2022\\_04\\_1355\\_1374.pdf](https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2022/4/2022_04_1355_1374.pdf). Acesso em: 05 set. 2023.
- FERNANDES, F. **Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- FERNANDES, A. N.; FERNANDES, S. B.; PAIVA, M. M. Do fordismo à acumulação flexível e os impactos na saúde do trabalhador. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 33, n. 2, p. 55–69, 2024.
- FERREIRA, J. B; CASTRO, F. G. **Neoliberalismo, trabalho e precariedade subjetiva.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.
- FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo** v.5, n.8, jan/jun 2017. Pp, 45-67.

<sup>11</sup> Respectivamente Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física, o que, segundo Nozaki, 2004, são estruturas avançadas do capitalismo.

FURTADO, R. P. **Do fitness ao wellness:** os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. Pensar a Prática, Goiânia, v. 12, n. 1, 2009. DOI: 10.5216/rpp.v12i1.4862. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/4862>. Acesso em: 10 set. 2023.

FURTADO, R. P. **O não-lugar do professor de educação física em academias de ginástica.** 2007, 186 p. Dissertação (Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia).

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARTINS, L. M.; LAVOURA, T. N. **Materialismo histórico-dialético:** contributos para a investigação em educação. Educar em Revista, Curitiba, v.34, n.71, p.223-239, set/out. 2018.

MARX, K. **O Capital - Livro I – crítica da economia política:** O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Lafonte, 2018.

NOZAKI, H. T. **Educação Física e Reordenamento do Mundo do Trabalho:** Mediações da Regulamentação da Profissão. Tese (doutorado em Educação) Universidade Federal Fluminense. 2004. 399 f.

OLIVEIRA, B. **A dialética do singular-particular-universal.** In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R. da; MARTINS, S. T. (orgs). Método Histórico-Social na Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2005.

QUELHAS, A. A. **Trabalhadores de educação física no segmento fitness:** um estudo da precarização do trabalho no Rio de Janeiro. 2012, 250 p. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo).

SILVA, S. T. **A qualificação para o trabalho em Marx.** 2005, 266 p. Tese de doutorado (Doutorado Economia – Área Desenvolvimento Econômico, Setor de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, Curitiba).

SINTEENPPB. **Trabalhadores de Educação Física.** João Pessoa. 13 set. 2023. Instagram:@sinteenppb. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxI7B5-LQQ3/>. Acesso em: 17 set. 2023.

VASAPOLLO, L. **A precariedade como elemento estratégico determinante do capital.** Pesquisa & Debate, São Paulo, v. 16, n. 2(28), p. 368-386, 2005.

**Data da submissão: 24/12/2024**

**Data da aprovação: 09/06/2025**